

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA **MERCADO DE TRABALHO** 1º TRIMESTRE DE 2016

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

João Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações –
Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Editoração

Marta Barreto

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

1º TRIMESTRE DE 2016 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA
DE EMPREGO E DESEMPREGO **7**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **10**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **10**

Projeção do emprego formal **12**

APÊNDICE **13**

NOTAS METODOLÓGICAS **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

Projeções do mercado de trabalho formal **18**

1º TRIMESTRE DE 2016

O ano de 2016 começou sem sinais de reação do mercado de trabalho quanto a conjuntura vigente no final de 2015, frustrando quaisquer expectativas de retomada do nível de emprego no curto prazo e mantendo o quadro geral de dificuldades. Com base no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), na Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) e na Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano como fontes principais de informação, presume-se que o mercado de trabalho não terá trégua e que a tendência à deterioração constatada no ano passado deverá continuar sendo a tônica este ano, endossando um contexto de elevação do desemprego, eliminação de postos formais de trabalho e redução tanto da massa quanto dos rendimentos reais do trabalho.

As projeções realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), respaldadas pelos resultados, continuam a revelar tendência de fechamento de postos de trabalho no segundo trimestre de 2016, período habitualmente marcado por saldos positivos na geração de empregos com carteira assinada na última década – a despeito do número negativo nesse mesmo trimestre no ano passado. Além do mais, o desânimo quanto ao futuro, revelado pelo empresariado do estado, em níveis ineditamente baixos, robustece a hipótese de continuidade de um mercado de trabalho com pouca vitalidade.

CENÁRIO ECONÔMICO

Nos últimos meses, a perda de dinamismo da atividade econômica atingiu quase todos os setores da economia baiana, embasando o comportamento negativo dos indicadores relacionados ao mercado de trabalho. Embora a Indústria tenha apresentado resultados favoráveis, a despeito do momento econômico adverso e do prolongado quadro de dificuldades do setor industrial, a Agropecuária, o Comércio e os Serviços assumiram um comportamento recessivo ao longo do primeiro trimestre de 2016.

A estimativa para a safra baiana de grãos de 2016 aponta retração de 3,3% em relação ao ano anterior, quando a produção totalizou 9,33 milhões de toneladas. Conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do mês de março, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção física de grãos alcançará 9,03 milhões de toneladas este ano na Bahia. Dessa forma, caso a expectativa de encolhimento de 4,3% da área colhida seja confirmada, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá aumentar 1,0%.

Segundo informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção industrial (incluindo a indústria de transformação e a extrativa mineral) no primeiro trimestre de 2016 cresceu 3,8%, em comparação ao primeiro trimestre do ano anterior – encadeando a segunda ocorrência subsequente de crescimento no confronto interanual, após o último registro negativo no trimestre terminado em janeiro (-3,1%). O aumento no ritmo produtivo do setor na Bahia ocorreu apenas na indústria de transformação, que cresceu 5,3%, já que a extrativa decresceu 18,2%.

Em relação a atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou queda de

11,9% no volume de vendas do comércio varejista no primeiro trimestre de 2016, no confronto interanual. A comparação com o mesmo trimestre de 2015 apontou retração pela 14ª vez seguida. Porém, os recuos registrados neste ano foram os mais intensos.

O setor de Serviços na Bahia teve redução da sua receita nominal no primeiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período do ano anterior. Conforme resultados revelados pela Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, houve uma contração de 2,3% na comparação interanual – oitavo recuo sucessivo nessa base de comparação.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), que evidencia as expectativas empresariais através da manifestação das entidades representativas do setor produtivo do estado, calculado pela SEI, atingiu patamares ainda mais baixos. Em janeiro e março de 2016, o ICEB registrou as menores pontuações da série: -528 pontos e -509 pontos, respectivamente – indicando grande pessimismo e dificuldade de retomada às condições de normalidade da atividade econômica na Bahia nos meses vindouros. Em fevereiro, foram computados -480 pontos, quarto pior resultado de sua sequência.

EMPREGOS FORMAIS

A análise das médias móveis de doze meses do saldo de empregos formais na Bahia mostra reduções mensais de junho de 2014 até novembro de 2015, com interrupção no decrescimento em dezembro último. Enquanto em 2014 os sinais transmitiam apenas perda de dinamismo a cada mês, em 2015, o quadro no mercado de trabalho baiano foi de evidente retração, com corte líquido de vínculos tutelados pela legislação trabalhista em quase todos os meses do referido ano (Gráfico 1).

O gráfico abaixo, construído com base em informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, explicita um panorama de crescente dificuldade no mercado de trabalho formal da Bahia nos últimos 24 meses. O saldo médio móvel de 12 meses, após o auge em maio de 2014, com 4.813 postos gerados, chegou a 6.930 empregos formais eliminados em março deste ano, menor saldo do período, revelando uma intensa redução do número de empregos protegidos.

Pela ilustração observa-se que os primeiros meses deste ano revelaram uma acentuação do enfraquecimento do mercado de trabalho formal local. Os meses de janeiro a março, com saldos médios inferiores a praticamente todos os anteriores, com exceção de novembro de 2015, acabaram por deprimir ainda mais o mercado de trabalho baiano, num movimento que poderá persistir, pelo menos, até o término do semestre.

Conforme se vê pelo Gráfico 2, a supressão de postos de trabalho foi crescente a cada trimestre de 2015, resultando em uma dispensa de 77.263 trabalhadores com carteira assinada no ano – redução de 4,22% no contingente de 1.832.137 empregos existentes ao final de 2014.

O cenário em 2016 persiste sendo pouco animador. Assim como observado em 2015 e diferentemente de anos anteriores, este ano iniciou com queda na ocupação em termos de saldos trimestrais. No primeiro trimestre, o número de empregos com carteira assinada, sofreu

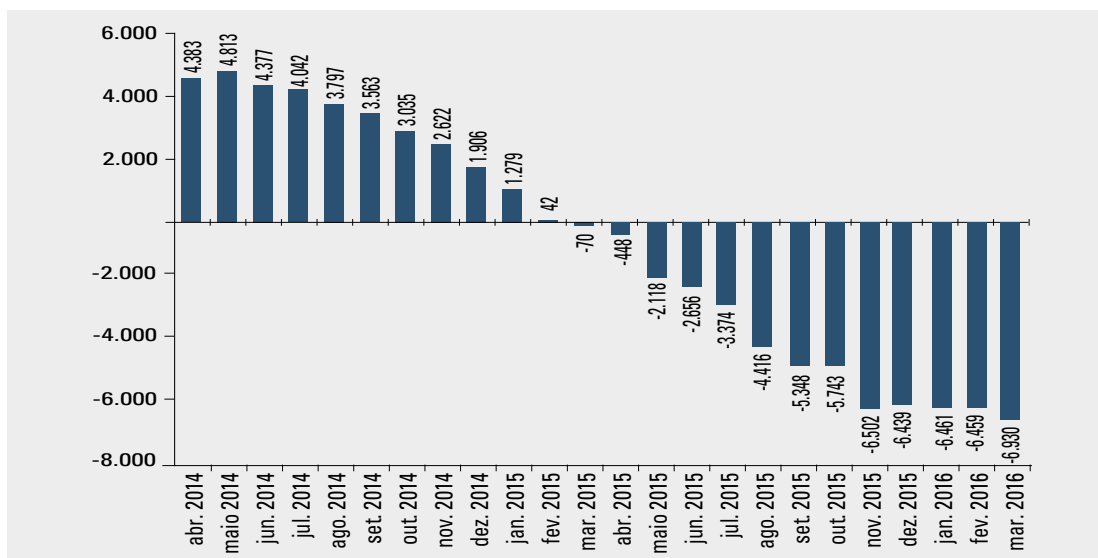


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Abr. 2014-mar. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

redução de 11.726 postos de trabalho – contração duas vezes maior que a do trimestre inicial do ano anterior, quando o encolhimento no nível de emprego formal totalizou 5.835 postos.

Dessa maneira, o período findo em março de 2016 assumiu o posto de pior primeiro trimestre, em termos de saldo, dos últimos dez anos. Os meses de janeiro (-1.872 postos) e março (-4.803 empregos celetistas), tomados individualmente, apresentaram mínimos históricos na série de cada referido mês desde 2006. O saldo de fevereiro (-5.051 postos) ficou com o segundo menor registro de sua série, superior apenas ao verificado em 2015, quando foram cortados 5.075 postos de trabalho.

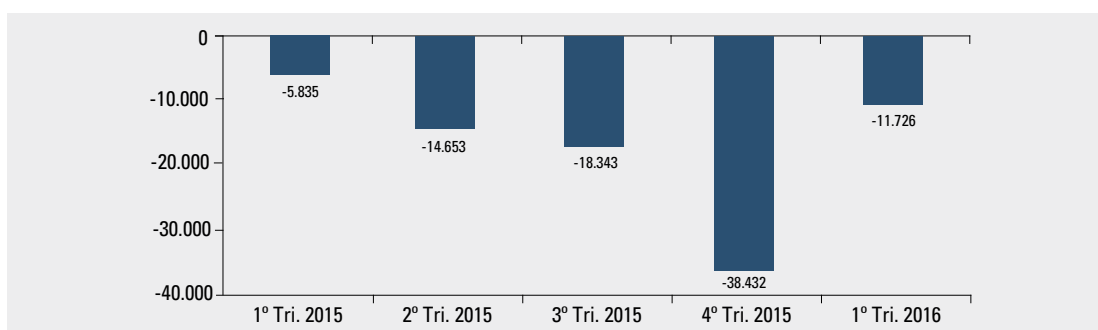


Gráfico 2
Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – 1º tri. 2015-1º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A contração no mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre deste ano alcançou cinco dos oito setores da atividade econômica, amenizando o quadro generalizado de retração ao final de 2015, quando o recuo no nível de oportunidades ocupacionais envolveu todas as atividades consideradas. No entanto, em relação ao primeiro trimestre do ano passado, ocorreu um agravamento, pois, além do maior declínio da ocupação, o número de setores que eliminaram postos de trabalho passou de quatro para cinco.

Numa avaliação setorial, Comércio e Serviços, com dispensa de 6.635 e 5.374 trabalhadores formalizados no primeiro trimestre de 2016, respectivamente, destacaram-se pelos desempenhos mais negativos. Em contrapartida, conforme a Tabela 1, os setores de Administração Pública (+2.082 postos) e Agropecuária (+1.845 postos) evidenciaram o maior número de postos de trabalho abertos no trimestre.

Tabela 1

Comportamento do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica na Bahia por trimestre

Setor de atividade econômica	1º trimestre de 2015	4º trimestre de 2015	1º trimestre de 2016
Extrativa Mineral	-119	-247	18
Indústria de Transformação	210	-6.958	-2.487
Serviços Industriais de Utilidade Pública	-132	-130	-79
Construção Civil	-7.052	-7.772	-1.096
Comércio	-4.393	-641	-6.635
Serviços	1.010	-9.307	-5.374
Administração Pública	2.571	-2.933	2.082
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	2.070	-10.444	1.845
Total	-5.835	-38.432	-11.726

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada do país também foi negativo no primeiro trimestre de 2016, registrando 319.150 postos de trabalho suprimidos. Entre as unidades da Federação, 21 apresentaram perda de postos. No *ranking* nacional, ordenado do maior ao menor saldo do período, a Bahia, com corte de 11.726 oportunidades ocupacionais, ficou na 21ª posição no trimestre, uma abaixo da ocupada no trimestre anterior. Foi uma piora relativa, proporcionada principalmente pela menor retração de oportunidades de trabalho verificada em outras unidades federativas do que propriamente por um maior declínio, em si, no saldo de empregos formais do estado.

A Região Nordeste, com o encerramento de 139.056 empregos celetistas, ficou com o segundo menor saldo entre as regiões no trimestre. Entre os estados nordestinos, nenhum apresentou saldo positivo. A Bahia (-11.726 postos) foi o estado nordestino com o quarto menor resultado no trimestre. As maiores perdas de postos de trabalho no Nordeste ocorreram em Pernambuco (-40.676 postos), Alagoas (-22.680 postos) e Ceará (-17.533 postos).

Quanto à distribuição intraestadual, semelhantemente ao ocorrido no trimestre antecedente, mas em menor intensidade, tanto a Região Metropolitana de Salvador (RMS) quanto o interior do estado revelaram corte de vagas no primeiro trimestre deste ano. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, no entanto, as perdas foram ampliadas, especialmente na RMS, que revelou maior recuo.

Apesar do protagonismo do interior no que diz respeito ao corte de postos de trabalho ao final de 2015, a perda de empregos formais na área metropolitana, quando se considera o primeiro trimestre deste ano, foi superior àquela constatada no interior – mais de cinco vezes maior. Enquanto a RMS eliminou 9.930 empregos com registro em carteira, o interior foi responsável pelo corte de 1.796 postos de trabalho (Tabela 2). Essa diferença aponta a área metropolitana como cerne da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano no início deste ano.

Tabela 2**Comportamento do saldo de empregos formais entre RMS e Interior por trimestre**

Área geográfica	1º trimestre de 2015	4º trimestre de 2015	1º trimestre de 2016
Bahia	-5.835	-38.432	-11.726
RMS	-6.656	-13.543	-9.930
Interior	821	-24.889	-1.796

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

O saldo negativo de 11.726 empregos formais, observado no primeiro trimestre de 2016, foi oriundo de 146.690 admissões e 158.416 desligamentos. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, o número de admissões apresentou aumento (+3.259 admitidos) e o de desligamentos redução (-23.447 desligados), no entanto em proporções ainda insatisfatórias para gerar um saldo positivo. A parca geração de empregos celetistas, associada a uma reserva cada vez menor de postos de trabalho, que engessa os desligamentos, aponta que a realidade do mercado de trabalho local está mais relacionada a uma dificuldade em se alocar e/ou realocar do que às chances em perder uma vaga.

Conforme a Tabela 3, no que se refere ao tipo de movimentação dos vínculos, as modalidades predominantes, Admissão por Reemprego e Desligamento por Demissão sem Justa Causa, variaram 1,1% e -6,6%, respectivamente, do quarto trimestre de 2015 para o primeiro trimestre deste ano. No campo das admissões, o reemprego, tipo de contratação mais comum no mercado de trabalho formal baiano, correspondeu a 83,0% das admissões no trimestre encerrado em março – percentual inferior ao do trimestre anterior, de 84,0%. Os admitidos via primeiro emprego e os contratados por prazo determinado responderam por 10,5% e 6,4%, respectivamente, das modalidades de ingresso no mercado de trabalho.

No que diz respeito aos desligamentos, a demissão sem justa causa foi responsável por 73,2% dos motivos no trimestre de janeiro a março – proporção superior aos 68,2% do trimestre precedente. As demais modalidades com alguma significância foram os desligamentos por término de contrato e a pedido, os quais equivaleram a 12,0% e 11,3% das formas de desligamento ocorridas.

No mercado de trabalho formal da Bahia, na comparação com o quarto trimestre do ano passado, as admissões por primeiro emprego e por reemprego destacaram-se pela respectiva ampliação em 15,9% e 1,1%. No mesmo período, termos de contrato de trabalho por prazo determinado e desligamentos por término de contrato se distinguiram pela diminuição em 53,6% e 35,2%, respectivamente.

Tabela 3**Comparativo trimestral do mercado de trabalho celetista, por tipo de movimentação – Bahia**

Tipo mov. desagregado	4º trimestre 2015	1º trimestre 2016	Varição
Admissão por Reemprego	120.421	121.770	1,1%
Admissão por Primeiro Emprego	13.257	15.369	15,9%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	9.599	9.443	-1,6%
Admissão por Reintegração	154	108	-29,9%
Admissão por Transferência	0	0	-
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	-112	-173	54,5%
Desligamento por Morte	-568	-517	-9,0%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	-1.382	-1.441	4,3%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	-7.445	-3.458	-53,6%
Desligamento a Pedido	-18.895	-17.830	-5,6%
Desligamento por Término de Contrato	-29.360	-19.027	-35,2%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	-124.101	-115.970	-6,6%
Total	-38.432	-11.726	-

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

Com o auxílio do Gráfico 3, que traz informações a respeito do saldo de empregos formais repartidos por faixa de salário mínimo, pode-se observar que, no primeiro trimestre de 2016, o fechamento de postos de trabalho alcançou quase todos os níveis de remuneração, excetuando-se o dos que receberam até um salário mínimo. Antes disso, no trimestre imediatamente anterior, até este grupo havia apresentado saldo negativo.

A tática de preservação de empregos de menor salário em detrimento aos de maior salário, observada nos três primeiros trimestres de 2015 e descontinuada no último, voltou a ser verificada no início deste ano, no entanto em menor intensidade quando comparada ao primeiro trimestre do ano anterior. Entre os grupos salariais com perda de postos em 2016, houve uma contração menos acentuada do emprego formal, com aqueles pertencentes ao estrato que recebe entre um e dois salários mínimos continuando a ser os mais penalizados. Pelo visto, com o agravamento e a persistência da crise, o expediente de desligar primeiramente os trabalhadores mais bem remunerados, posto em prática pelas empresas como medida de primeira ordem para controle dos custos, pode estar se esgotando.

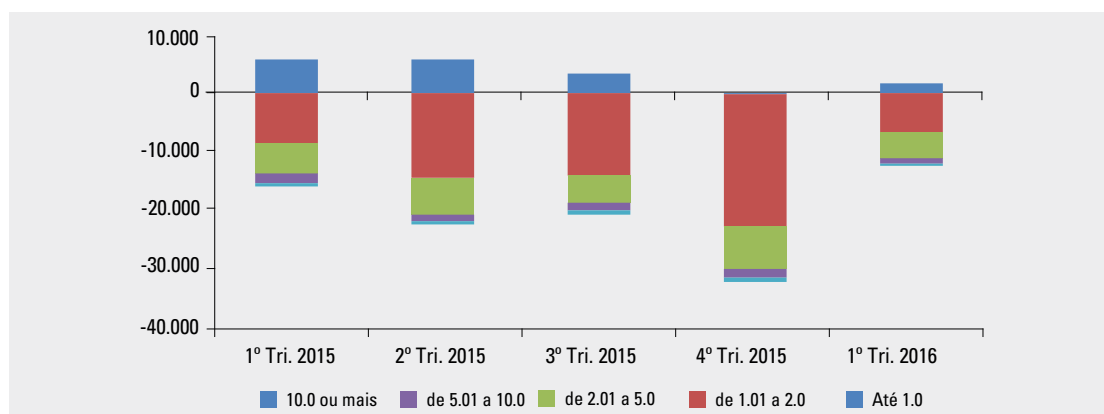


Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 1º tri. 2015-1º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

No primeiro trimestre de 2016, o salário real médio de admissão, na Bahia, atingiu o valor de R\$ 1.201 – diferença de R\$ 158 em relação ao do país, que foi de R\$ 1.359. Num comparativo com o quarto trimestre de 2015, quando alcançou R\$ 1.185, houve aumento real de 1,3%. Na comparação interanual, no entanto, ocorreu diminuição, já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.214 – recuo, portanto, de 1,1%. A evolução trimestral deste indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

No primeiro trimestre deste ano, o decaimento da remuneração média dos trabalhadores admitidos, observado ao longo de 2015, foi interrompido. Em contrapartida, o salário real médio de desligamento, após dois recuos seguidos, chegou ao seu menor nível desde o primeiro trimestre do ano passado. Assim, a diferença entre o salário real médio de desligados e admitidos, no primeiro trimestre deste ano, diminuiu em relação à dos trimestres da base

de comparação. Enquanto no primeiro trimestre de 2016 o trabalhador admitido recebeu, em média, 91,1% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no primeiro de 2015, esses percentuais foram de 89,0% e 89,2%, respectivamente.

O preço de rotatividade da mão de obra na Bahia, no primeiro trimestre de 2016, desse modo, aumentou em relação ao dos trimestres de contraponto. À vista disso, com a continuidade dessa condição, qualquer intento futuro por parte das empresas de substituir empregados, visando enxugar a folha de pagamentos, tornar-se-á relativamente menos vantajoso, minorando, por conseguinte, a taxa de rotatividade.

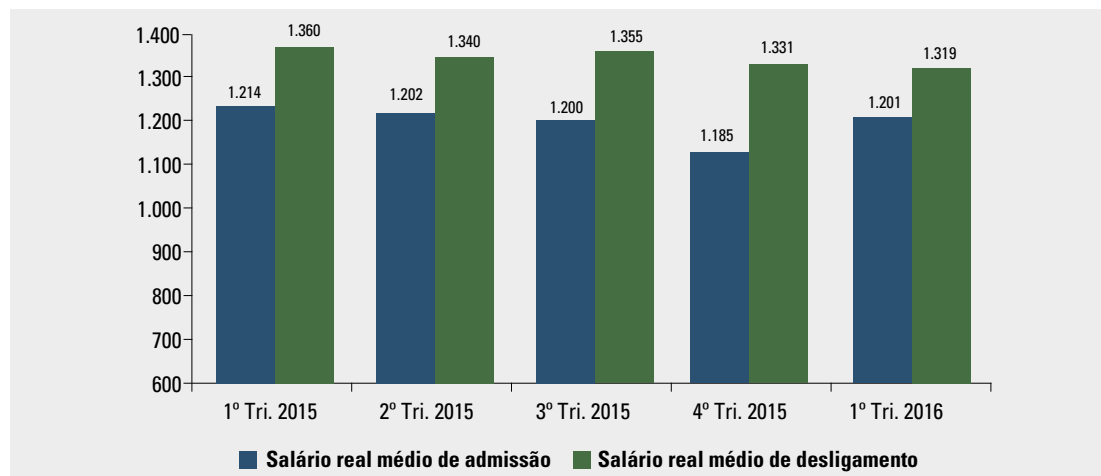


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento – Bahia – 1º tri. 2015-1º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Dados deflacionados em relação a março de 2016 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

Após dois anos consecutivos em que a taxa de desemprego total¹ do primeiro trimestre da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) foi inferior à do mesmo período no ano anterior, esse indicador cresceu 23,1% em março de 2016 relativamente a 2015, ao passar de 17,3% para 21,3% da População Economicamente Ativa (PEA). O desemprego também aumentou em relação ao último trimestre de 2015, com o acréscimo de 18 mil pessoas ao contingente de desempregados, calculado em 395 mil indivíduos (Gráfico 5 e Tabela 1A, no apêndice).

¹ A taxa de desemprego total é uma média móvel, calculada com base em três painéis, envolvendo a coleta dos últimos três meses. Outros indicadores da PEDRMS seguem a mesma metodologia.

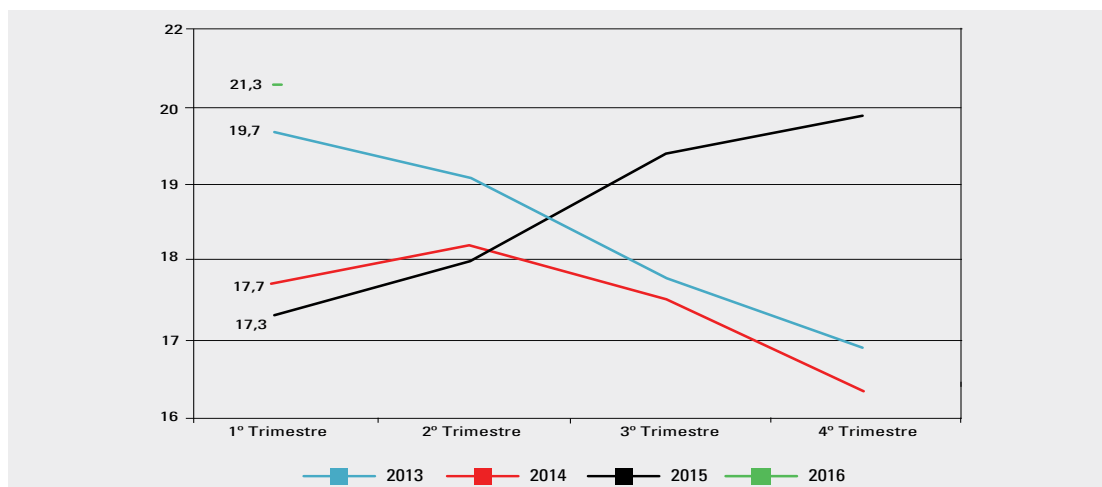


Gráfico 5
Taxa trimestral de desemprego total – RMS – 2013-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

O aumento da desocupação foi motivado, principalmente, pelo fraco desempenho do nível de ocupação. Com efeito, entre o último trimestre de 2015 e o primeiro deste ano desapareceram 59 mil posições de trabalho na RMS, em parte devido à sazonalidade do mercado de trabalho. Contudo, o comparativo com o mesmo trimestre de 2015 também é negativo, no caso, em 69 mil postos.

Além disso, a pequena expectativa de sucesso na busca por uma posição de trabalho tem posto limites ao crescimento da PEA e à evolução da taxa de participação, desde meados de 2013 (Gráfico 6). Com isso, o número de pessoas economicamente ativas decresceu entre o quarto trimestre de 2015 e o primeiro de 2016 (decréscimo de 41 mil pessoas ou -2,2%) e ficou relativamente estável na variação anual (aumento de 7 mil pessoas ou 0,4%) apesar do crescimento da população em idade ativa, estimado em 1,8%.

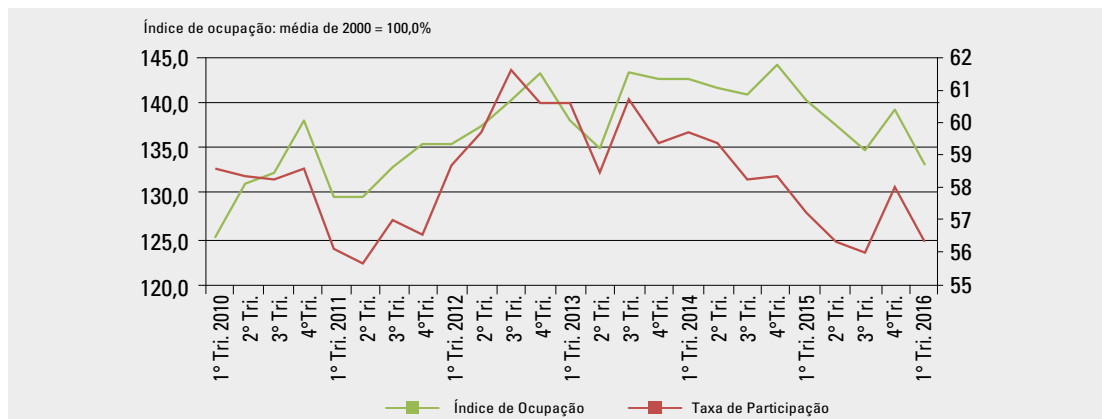


Gráfico 6
Taxa trimestral de participação e índice de ocupação – RMS – 2010-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

Em relação ao último trimestre de 2015, a taxa de participação decresceu intensamente entre as pessoas com mais de 50 anos de idade (-7,1% para quem estava entre 50 e 59 anos e -5,0% para os com 60 anos ou mais) e entre os que tinham o curso fundamental completo ou nível médio incompleto (-7,4%). Além disso, a redução no contingente feminino (-2,9%) foi maior que no masculino (-2,6%) e, enquanto a população negra no mercado de trabalho diminuía (-3,1%), a não negra crescia (5,3%).

O quadro é semelhante na comparação em 12 meses: a redução da taxa de participação das mulheres (-1,4%) foi maior que a dos homens (-1,2%); as pessoas com 50 a 59 anos tiveram fortes reduções na taxa de participação (-6,2%); e a taxa dos negros diminuiu (-1,6%) enquanto a de não negros cresceu (3,3%) (Tabela 2A, no apêndice).

O desaparecimento de 59 mil postos de trabalho entre o quarto trimestre de 2015 e o primeiro de 2016 adveio do fechamento de 51 mil posições de trabalho nos *Serviços* (-5,2% dos existentes anteriormente); 4 mil na *Construção* (-3,2%); 3 mil na *Indústria de transformação* (-2,7%); e de mil no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-0,4%), o que indica que esse último setor ficou relativamente estável no período (Tabela 3A).

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, as maiores perdas de postos de trabalho se deram justamente na *Indústria de transformação*, com o desaparecimento de 28 mil empregos, ou 20,4% dos existentes em 2015. Nos *Serviços*, foram perdidos 27 mil postos e que, devido ao peso do segmento na estrutura setorial da ocupação, representa recuo de 2,8% do número existente no ano anterior. Na *Construção* foram fechados 8 mil postos (ou -6,2%) e no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, 7 mil (ou -2,5%).

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, entre o primeiro trimestre do ano em curso e o quarto trimestre de 2015 houve redução no número de trabalhadores *Assalariados* (desaparecimento de 50 mil posições de trabalho ou -4,8%), no de trabalhadores *Autônomos* (menos 6 mil ou -2,2%) e no de *Empregados domésticos* (menos 6 mil ou -5,0%). Entre os *Assalariados*, apenas os trabalhadores do setor privado com carteira assinada lograram manter seu número relativamente estável (acréscimo de 3 mil postos ou 0,4%). A redução de postos de trabalho foi intensa entre os trabalhadores do setor privado sem carteira de trabalho assinada (menos 18 mil ou -16,2%) e entre os assalariados do setor público (menos 36 mil ou -22,4) (Tabela 4A, em apêndice).

Em relação aos últimos 12 meses, houve redução nos contingentes de trabalhadores em todas as posições na ocupação, a exceção do emprego doméstico, onde o número de *Empregados domésticos* cresceu 0,9% com a inclusão de mil trabalhadores. No trabalho assalariado, as perdas chegaram a 6,1% do contingente (menos 65 mil empregados) e entre os *Autônomos* a 4,0% (menos 11 mil postos).

A redução entre os *Assalariados* atingiu tanto o setor público (menos 28 mil postos ou -18,3%) quanto o setor privado (-4,0% ou menos 37 mil empregos). O fechamento de postos de trabalho no setor privado atingiu mais intensamente as posições sem carteira de trabalho assinada pelo empregador, cuja perda alcançou 8,8% do contingente (menos 9 mil). Entretanto o número de pessoas que perderam a ocupação com carteira de trabalho foi maior (menos 28 mil trabalhadores), não obstante representem um percentual menor em relação ao número preexistente (-3,4%).

Embora os dados disponíveis pela Pesquisa de Emprego e Desemprego da RMS sobre rendimentos do trabalho não abranjam todos os meses do primeiro trimestre de 2016², os valores encontrados para os ocupados nos dois primeiros meses do trimestre mostram perdas do rendimento médio real dos ocupados e assalariados, acompanhado de redução na massa de rendimentos.

2 A razão para a defasagem das informações sobre rendimento nas pesquisas que adotam a metodologia da PED se deve ao fato dos entrevistados serem inquiridos sobre os rendimentos obtidos no mês anterior. Trata-se, portanto, do rendimento de fato recebido e não do rendimento esperado para o mês da entrevista.

Em comparação aos valores reais vigentes no quarto trimestre, os rendimentos dos ocupados e dos assalariados na RMS em fevereiro regrediram 3,9% e 3,6%, respectivamente. A massa de rendimentos do trabalho também diminuiu, no primeiro caso 5,6% e, no segundo, 5,5%. Embora o nível de emprego tenha contribuído para redução da massa dos rendimentos (entre ocupados, redução de 1,8% no nível de ocupação; e entre os assalariados, recuo de 1,9%) a maior contribuição para a diminuição da massa de rendimentos adveio da queda dos rendimentos médios reais (Gráfico 7 e Tabela 5A, em apêndice).

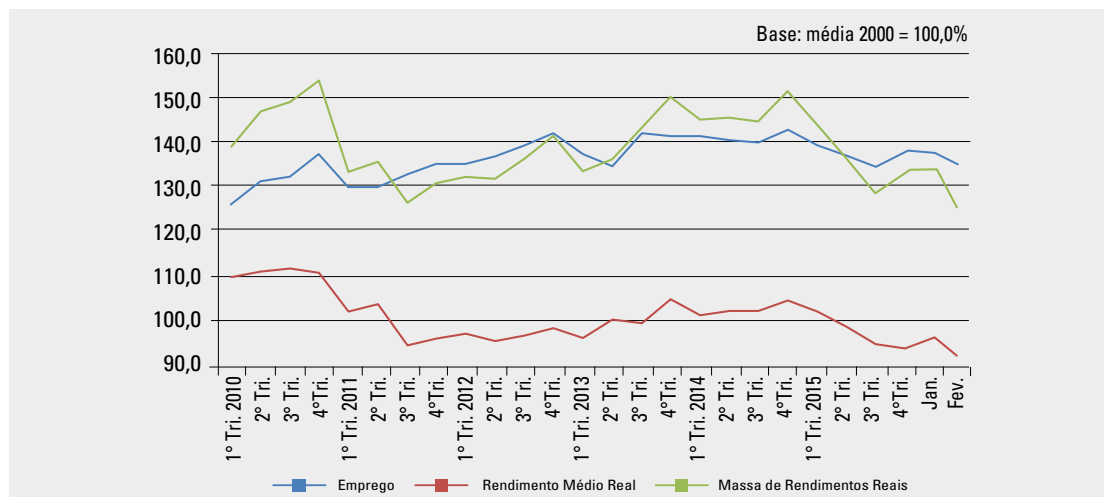


Gráfico 7
Índices Trimestrais do Emprego, do Rendimento Médio Real e da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados – RMS – 2010-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, realizada mensalmente com representantes dos setores produtivos da Bahia, sonda as expectativas empresariais a respeito de diversos assuntos, colaborando, assim, para antecipar rumos de temas relevantes para a economia do estado. O ânimo quanto à contratação futura por parte dos setores participantes, por exemplo, é um dos objetos da pesquisa.

Construído a partir das respostas dos empresários baianos em relação aos planos de contratar, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde dezembro de 2013. Atingindo patamares bastante pessimistas, a mensagem exposta por esse indicador para os meses futuros continua sendo a de eliminação de postos de trabalho.

O IEE dos três meses iniciais de 2016 (janeiro: -505 pontos; fevereiro: -536 pontos; e março: -521 pontos) passou a evidenciar uma grande expectativa de redução de postos de trabalho para o intervalo vindouro de um ano, em patamares mais pessimistas quando comparados ao do mês de encerramento do último trimestre do ano anterior (-483 pontos). A propósito, o mês de fevereiro revelou o menor registro da série desse indicador iniciada em março de 2010.

Em relação ao fecho do trimestre antecedente, todos os setores ampliaram o desânimo ao final do primeiro trimestre deste ano. O segmento de Serviços apresentou o menor dos indicadores para emprego em março, sinalizando grau elevado de pessimismo. No ano, foi a terceira vez que o cenário projetado por este setor, no quesito emprego, assumiu o resultado mais pessimista (Gráfico 8). No mês de encerramento do primeiro trimestre de 2016, Indústria e Comércio também revelaram nível elevado de pessimismo quanto ao quesito emprego, enquanto Agropecuária se situou em um patamar de pessimismo considerável.

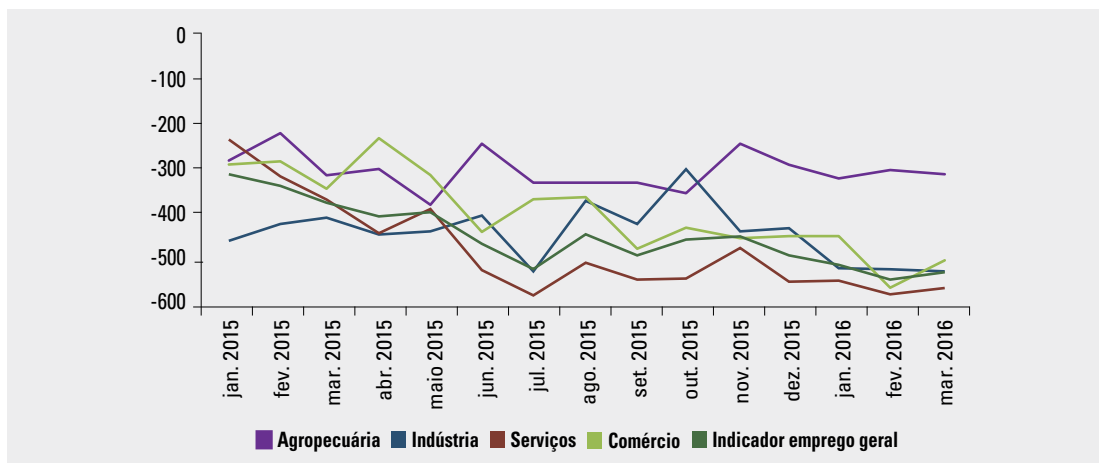


Gráfico 8
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – jan. 2015-mar. 2016

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Analisando-se o nível esperado de contratação para os 12 meses seguintes, observado no primeiro trimestre de 2016, 77,0% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados; 21,0% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; e apenas 1,9% cogitaram a possibilidade de contratar.

Conforme o Gráfico 9, o intento, por parte do setor produtivo baiano, de reduzir o quadro de funcionários no futuro voltou a crescer e atingiu seu maior nível no intervalo considerado – após ter seu crescimento interrompido no trimestre imediatamente anterior. Em paralelo, o fito de admitir voltou a regredir, assumindo seu segundo menor estágio entre os trimestres em averiguação, e o de manter trabalhadores reduziu novamente na comparação com o registro anterior, mantendo o compasso de queda observado nos últimos trimestres.

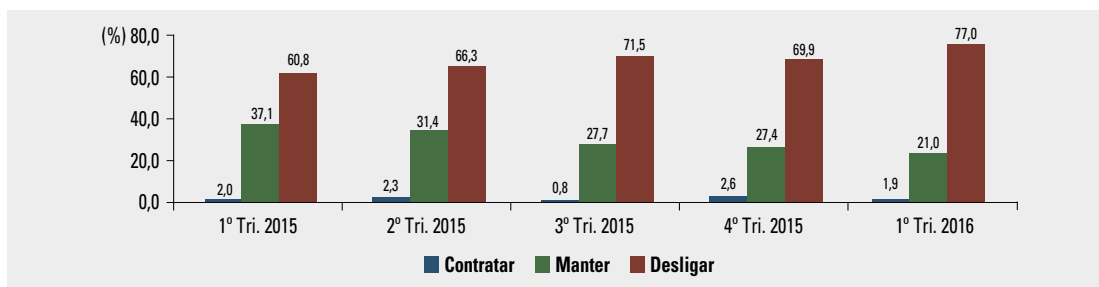


Gráfico 9
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 1º tri. 2015-1º tri. 2016

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Projeção do emprego formal

Sem considerar as declarações fora do prazo, a projeção realizada pela SEI indica que a deterioração do mercado de trabalho baiano continua em curso, com corte previsto de 12.588 postos de trabalho formais no segundo trimestre de 2016³. Se confirmada tal expectativa, o saldo de empregos com carteira assinada na Bahia, no próximo trimestre, representará o segundo menor registro para o período desde 2006. Dessa forma, o menor saldo num segundo trimestre continuará sendo o ocorrido em 2015, quando foram eliminados 14.653 vínculos de trabalho com carteira assinada, até então único episódio de saldo negativo entre os segundos trimestres dos últimos dez anos.

A perda de empregos celetistas esperada para o segundo trimestre do ano está sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Serviços (-8.637 postos), de Construção Civil (-4.595 oportunidades) e de Comércio (-2.747 postos). Somente dois segmentos revelaram saldo projetado positivo: Agropecuária e Administração Pública, nos quais são aguardadas 5.046 e 227 novas oportunidades ocupacionais, respectivamente. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 4
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica

Mês	Setor de atividade econômica								
	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Serviços industriais de utilidade pública	Construção civil	Comércio	Serviços	Administração pública	Agropecuária	Total
Abr. 2016	4	-21	-76	-855	-144	-1.480	118	2.314	-140
Mai 2016	-74	-260	-161	-1.429	-1.146	-3.855	-1	2.381	-4.545
Jun. 2016	-123	-1.063	-108	-2.311	-1.457	-3.302	110	351	-7.903
Total	-193	-1.344	-345	-4.595	-2.747	-8.637	227	5.046	-12.588

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

A projeção feita pela SEI, com supressão de 12.588 vínculos formais no segundo trimestre de 2016, o cenário captado pela Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, com indicadores ainda bem deteriorados, juntamente com os demais vetores de desaceleração econômica no estado, além dos últimos dados de fluxos do Caged, ajudam a entender a permanência da expectativa negativa quanto à dinâmica do emprego na Bahia para os próximos meses – alimentando os indícios de que o mercado de trabalho celetista continuará enfrentando dificuldades no território baiano em 2016. Ou seja, não há sinais de mudança capazes de legitimar uma retomada em curto prazo.

3 A projeção feita pela SEI baseou-se em dados atualizados até março de 2016.

APÊNDICE

Tabela 1A
Estimativas da População Total e Economicamente Ativa e dos Inativos Maiores de 10 Anos, Taxas Globais de Participação e de Desemprego Total
Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016

Trimestres	População economicamente ativa						Inativos maiores de 10 anos			Taxas (%)		População Total (1)
	Total		Ocupados		Desempregados		Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)	Participação (pea/pia)	Desemprego total (des/pea)	
	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)						
1º tri. 2010	1.722	115,0	1.379	125,5	343	86,2		1.226	128,0	58,4	19,9	3.424
2º tri. 2010	1.724	115,2	1.436	130,7	288	72,4		1.238	129,2	58,2	16,7	3.436
3º tri. 2010	1.728	115,4	1.448	131,8	280	70,4		1.246	130,1	58,1	16,2	3.447
4º tri. 2010	1.745	116,6	1.504	136,9	241	60,6		1.243	129,7	58,4	13,8	3.459
1º tri. 2011	1.687	112,7	1.422	129,4	265	66,6		1.315	137,3	56,2	15,7	3.470
2º tri. 2011	1.683	112,4	1.422	129,4	261	65,6		1.333	139,1	55,8	15,5	3.482
3º tri. 2011	1.727	115,4	1.454	132,3	273	68,6		1.302	135,9	57,0	15,8	3.494
4º tri. 2011	1.722	115,0	1.479	134,6	243	61,1		1.320	137,8	56,6	14,1	3.505
1º tri. 2012	1.788	119,4	1.479	134,6	309	77,6		1.268	132,4	58,5	17,3	3.517
2º tri. 2012	1.824	121,8	1.498	136,3	326	81,9		1.247	130,2	59,4	17,9	3.529
3º tri. 2012	1.884	125,9	1.526	138,9	358	89,9		1.200	125,3	61,1	19,0	3.541
4º tri. 2012	1.865	124,6	1.555	141,5	310	77,9		1.233	128,7	60,2	16,6	3.553
1º tri. 2013	1.873	125,1	1.504	136,9	369	92,7		1.239	129,3	60,2	19,7	3.565
2º tri. 2013	1.822	121,7	1.474	134,1	348	87,4		1.304	136,1	58,3	19,1	3.577
3º tri. 2013	1.893	126,5	1.556	141,6	337	84,7		1.247	130,2	60,3	17,8	3.589
4º tri. 2013	1.864	124,5	1.549	140,9	315	79,1		1.290	134,7	59,1	16,9	3.601
1º tri. 2014	1.882	125,7	1.549	140,9	333	83,7		1.286	134,2	59,4	17,7	3.613
2º tri. 2014	1.881	125,7	1.539	140,0	342	85,9		1.302	135,9	59,1	18,2	3.625
3º tri. 2014	1.857	124,0	1.532	139,4	325	81,7		1.340	139,9	58,1	17,5	3.637
4º tri. 2014	1.869	124,8	1.564	142,3	305	76,6		1.342	140,1	58,2	16,3	3.649
1º tri. 2015	1.845	123,2	1.526	138,9	319	80,2		1.381	144,2	57,2	17,3	3.662
2º tri. 2015	1.828	122,1	1.499	136,4	329	82,7		1.413	147,5	56,4	18,0	3.674
3º tri. 2015	1.826	122,0	1.472	133,9	354	88,9		1.429	149,2	56,1	19,4	3.686
4º tri. 2015	1.893	126,5	1.516	137,9	377	94,7		1.376	143,6	57,9	19,9	3.699
1º tri. 2016	1.852	123,7	1.457	132,6	395	99,2		1.432	149,5	56,4	21,3	3.711
Variação (%)												
1º tri. 2016/4º tri. 2015		-2,2		-3,9		4,8			4,1	-2,6	7,0	0,3
Variação (%)												
1º tri. 2016/1º tri. 2015		0,4		-4,5		23,8			3,7	-1,4	23,1	1,3

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

(1) Em 1000 pessoas.

(2) Base: média de 2000 = 100.

Nota: Projeções populacionais ajustadas com base no Censo de 2010. Ver nota técnica nº 8.

Tabela 2A

Taxas de Participação, por Atributos Pessoais - Região Metropolitana de Salvador - 2010-2016

Trimestres	Taxa de Participação																	
	Total	Sexo		Idade						Posição no Domicílio		Raça/Cor		Grau de Instrução				
				Homens	Mulheres	10 a 15 Anos	16 a 24 Anos	25 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 Anos e Mais	Chefes	Demais Membros	Negros	Não-Negros	Analfabetos (1)	1º Grau Incompleto	1º Grau Completo /2º Incompleto
1º tri. 2010	58,4	66,8	51,4	(2)	63,7	83,3	77,1	58,8	16,4	66,9	53,5	58,6	56,6	(2)	38,0	54,8	74,4	79,9
2º tri. 2010	58,2	66,8	51,1	(2)	58,9	83,0	76,9	60,4	16,1	68,9	52,1	58,3	57,9	(2)	37,5	54,9	72,3	84,1
3º tri. 2010	58,1	65,9	51,7	(2)	58,2	83,6	78,0	59,9	15,0	68,1	52,3	58,4	56,2	(2)	35,5	57,6	73,4	80,6
4º tri. 2010	58,4	67,5	51,1	(2)	60,3	83,1	77,3	59,9	18,1	67,9	53,1	59,0	55,2	23,7	37,0	55,9	73,7	82,6
1º tri. 2011	56,2	64,2	49,5	(2)	57,4	81,9	77,0	56,9	16,4	65,7	50,7	56,4	54,6	(2)	35,2	54,1	71,8	81,3
2º tri. 2011	55,8	65,0	48,2	(2)	55,4	80,5	77,1	58,7	15,8	66,3	49,6	56,0	53,7	21,3	34,8	54,5	72,6	80,1
3º tri. 2011	57,0	65,5	49,9	(2)	58,5	80,7	77,6	59,0	17,4	68,8	50,1	57,1	55,8	22,9	37,3	56,0	74,0	82,8
4º tri. 2011	56,6	65,0	49,6	(2)	56,0	81,6	75,0	59,1	18,7	68,6	49,4	56,4	58,1	21,4	36,6	55,9	73,8	82,7
1º tri. 2012	58,5	66,6	51,5	(2)	61,4	83,0	77,4	59,2	17,0	69,9	51,8	58,6	58,1	23,0	38,8	58,1	76,1	79,0
2º tri. 2012	59,4	67,1	52,9	(2)	61,9	84,0	77,3	59,6	17,1	69,8	53,2	59,8	55,9	23,4	39,1	60,4	76,4	82,2
3º tri. 2012	61,1	68,6	54,7	(2)	65,8	83,9	78,9	64,4	18,0	72,9	54,1	61,1	60,8	23,8	41,0	64,7	77,2	80,3
4º tri. 2012	60,2	68,1	53,4	(2)	61,9	84,0	78,0	63,2	19,6	71,4	53,3	60,4	57,9	21,8	40,3	58,8	76,6	82,4
1º tri. 2013	60,2	68,2	53,7	(2)	65,5	84,1	78,1	62,2	17,3	71,1	53,4	60,4	59,0	24,4	39,3	60,2	76,3	83,7
2º tri. 2013	58,3	66,1	51,9	(2)	62,7	83,5	77,7	62,0	15,7	68,3	52,4	58,4	58,0	(2)	36,1	58,5	76,5	81,8
3º tri. 2013	60,3	67,5	54,2	(2)	62,8	84,4	79,2	60,6	19,3	70,6	53,8	60,5	58,6	23,7	39,1	62,1	75,7	83,1
4º tri. 2013	59,1	67,6	52,1	(2)	61,8	83,4	77,7	63,0	17,4	68,9	53,0	59,4	55,8	23,1	37,1	61,1	75,2	80,7
1º tri. 2014	59,4	67,7	52,3	(2)	62,2	83,3	76,5	60,7	17,7	69,8	52,6	59,6	57,1	25,8	39,3	58,3	74,4	80,3
2º tri. 2014	59,1	67,5	52,1	(2)	60,7	83,2	78,8	60,7	18,7	69,5	52,5	59,2	57,9	24,2	38,4	56,6	73,9	81,5
3º tri. 2014	58,1	66,0	51,6	(2)	58,0	82,5	77,4	62,5	16,8	68,4	51,3	57,9	59,7	20,7	37,4	56,2	73,4	80,1
4º tri. 2014	58,2	66,8	51,0	(2)	59,5	82,1	77,3	60,8	17,7	68,1	51,7	58,4	56,2	22,7	37,5	59,1	72,7	79,7
1º tri. 2015	57,2	65,5	50,1	(2)	57,9	81,1	78,0	61,3	15,6	68,0	50,0	57,1	57,6	(2)	35,4	55,6	71,7	80,3
2º tri. 2015	56,4	65,0	49,2	(2)	59,0	79,9	74,1	60,7	14,4	65,2	50,3	56,3	57,4	(2)	34,2	53,1	71,0	78,1
3º tri. 2015	56,1	65,3	48,5	(2)	56,1	79,2	76,3	62,5	14,7	66,5	49,1	55,8	59,7	(2)	34,0	55,1	70,9	79,3
4º tri. 2015	57,9	66,4	50,9	(2)	57,9	81,9	78,0	61,9	16,1	67,9	51,0	58,0	56,5	(2)	34,9	56,7	71,4	80,5
1º tri. 2016	56,4	64,7	49,4	(2)	56,7	82,0	76,3	57,5	15,3	67,1	48,9	56,2	59,5	(2)	34,6	52,5	70,4	78,8
Variação(%)																		
1º tri. 2016/1º tri. 2015	-2,6	-2,6	-2,9	-	-2,1	0,1	-2,2	-7,1	-5,0	-1,2	-4,1	-3,1	5,3	-	-0,9	-7,4	-1,4	-2,1
Variação (%)																		
1º tri. 2016/1º tri. 2015	-1,4	-1,2	-1,4	-	-2,1	1,1	-2,2	-6,2	-1,9	-1,3	-2,2	-1,6	3,3	-	-2,3	-5,6	-1,8	-1,9

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MT/PS/FAT.

(1) Incluem os que declararam sem escolaridade.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Tabela 3A
Estimativas e Índices do Nível de Ocupação, por Setor de Atividade – Região Metropolitana de Salvador - 2011-2016

Trimestres	Estimativas e índices do nível de ocupação, por setor de atividade									
	Total (1)		Indústria de transformação (2)		Construção (3)		Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (4)		Serviços (5)	
	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)
1º tri. 2011	1.422	98,6	128	98,5	129	97,0	262	95,3	865	100,1
2º tri. 2011	1.422	98,6	132	101,5	127	95,5	262	95,3	855	99,0
3º tri. 2011	1.454	100,8	124	95,4	134	100,8	286	104,0	874	101,2
4º tri. 2011	1.479	102,6	136	104,6	141	106,0	293	106,5	871	100,8
1º tri. 2012	1.479	102,6	123	94,6	146	109,8	282	102,5	884	102,3
2º tri. 2012	1.498	103,9	135	103,8	147	110,5	288	104,7	888	102,8
3º tri. 2012	1.526	105,8	131	100,8	134	100,8	291	105,8	926	107,2
4º tri. 2012	1.555	107,8	137	105,4	149	112,0	295	107,3	935	108,2
1º tri. 2013	1.504	104,3	123	94,6	138	103,8	308	112,0	890	103,0
2º tri. 2013	1.474	102,2	131	100,8	139	104,5	273	99,3	889	102,9
3º tri. 2013	1.556	107,9	129	99,2	146	109,8	303	110,2	935	108,2
4º tri. 2013	1.549	107,4	136	104,6	156	117,3	301	109,5	917	106,1
1º tri. 2014	1.549	107,4	124	95,4	158	118,8	308	112,0	925	107,1
2º tri. 2014	1.539	106,7	134	103,1	155	116,5	299	108,7	914	105,8
3º tri. 2014	1.532	106,2	121	93,1	150	112,8	280	101,8	945	109,4
4º tri. 2014	1.564	108,5	124	95,4	152	114,3	311	113,1	945	109,4
1º tri. 2015	1.526	105,8	137	105,4	130	97,7	285	103,6	948	109,7
2º tri. 2015	1.499	104,0	129	99,2	121	91,0	297	108,0	922	106,7
3º tri. 2015	1.472	102,1	113	86,9	125	94,0	290	105,5	919	106,4
4º tri. 2015	1.516	105,1	112	86,2	126	94,7	279	101,5	972	112,5
1º tri. 2016	1.457	101,0	109	83,8	122	91,7	278	101,1	921	106,6
Variação(%) 1º tri. 2016/ 4º tri. 2015	-3,9		-2,7		-3,2		-0,4		-5,2	
Variação(%) 1º tri. 2016/ 1º tri. 2011	-4,5		-20,4		-6,2		-2,5		-2,8	

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

(-) Dados não disponíveis. A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010.

(1) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar.

(2) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.

(3) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.

(5) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar.

(6) Em 1.000 pessoas.

(7) Base: média de 2011 = 100.

Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 01/2012.

Tabela 4A

Estimativas e índices do nível de ocupação, por posição na ocupação –Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016

Trimestres	Total (1)			Assalariados (2)										Autônomos			Empregados domésticos	
				Total			Setor privado				Setor público (3)							
							Com carteira assinada		Sem carteira assinada									
	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)		
1º tri. 2010	1.379	125,5	923	140,5	740	148,9	610	167,6	130	97,7	183	114,4	284	115,0	101	87,8		
2º tri. 2010	1.436	130,7	965	146,9	764	153,7	648	178,0	116	87,2	201	125,6	279	113,0	108	93,9		
3º tri. 2010	1.448	131,8	972	147,9	760	152,9	630	173,1	130	97,7	210	131,3	294	119,0	109	94,8		
4º tri. 2010	1.504	136,9	1.009	153,6	800	161,0	669	183,8	131	98,5	208	130,0	314	127,1	104	90,4		
1º tri. 2011	1.422	129,4	947	144,1	762	153,3	644	176,9	118	88,7	183	114,4	299	121,1	112	97,4		
2º tri. 2011	1.422	129,4	974	148,2	799	160,8	685	188,2	114	85,7	173	108,1	282	114,2	112	97,4		
3º tri. 2011	1.454	132,3	960	146,1	795	160,0	680	186,8	115	86,5	164	102,5	314	127,1	124	107,8		
4º tri. 2011	1.479	134,6	979	149,0	828	166,6	707	194,2	121	91,0	151	94,4	308	124,7	127	110,4		
1º tri. 2012	1.479	134,6	991	150,8	834	167,8	711	195,3	123	92,5	154	96,3	305	123,5	129	112,2		
2º tri. 2012	1.498	136,3	1.014	154,3	870	175,1	750	206,0	120	90,2	142	88,8	304	123,1	127	110,4		
3º tri. 2012	1.526	138,9	1.016	154,6	862	173,4	732	201,1	130	97,7	154	96,3	325	131,6	125	108,7		
4º tri. 2012	1.555	141,5	1.064	161,9	900	181,1	774	212,6	126	94,7	165	103,1	306	123,9	123	107,0		
1º tri. 2013	1.504	136,9	1.023	155,7	880	177,1	761	209,1	119	89,5	141	88,1	298	120,6	123	107,0		
2º tri. 2013	1.474	134,1	996	151,6	859	172,8	746	204,9	113	85,0	137	85,6	307	124,3	124	107,8		
3º tri. 2013	1.556	141,6	1.046	159,2	896	180,3	767	210,7	129	97,0	148	92,5	322	130,4	123	107,0		
4º tri. 2013	1.549	140,9	1.061	161,5	907	182,5	795	218,4	112	84,2	155	96,9	296	119,8	124	107,8		
1º tri. 2014	1.549	140,9	1.063	161,8	923	185,7	793	217,9	130	97,7	141	88,1	290	117,4	129	112,2		
2º tri. 2014	1.539	140,0	1.065	162,1	917	184,5	805	221,2	112	84,2	148	92,5	282	114,2	119	103,5		
3º tri. 2014	1.532	139,4	1.040	158,3	887	178,5	778	213,7	109	82,0	152	95,0	296	119,8	132	114,8		
4º tri. 2014	1.564	142,3	1.074	163,5	929	186,9	816	224,2	113	85,0	145	90,6	296	119,8	127	110,4		
1º tri. 2015	1.526	138,9	1.067	162,4	914	183,9	812	223,1	102	76,7	153	95,6	278	112,6	114	99,1		
2º tri. 2015	1.499	136,4	1.027	156,3	878	176,7	787	216,2	91	68,4	148	92,5	268	108,5	118	102,6		
3º tri. 2015	1.472	133,9	998	151,9	864	173,8	755	207,4	109	82,0	132	82,5	287	116,2	116	100,9		
4º tri. 2015	1.516	137,9	1.052	160,1	892	179,5	781	214,6	111	83,5	161	100,6	273	110,5	121	105,2		
1º tri. 2016	1.457	132,6	1.002	152,5	877	176,5	784	215,4	93	69,9	125	78,1	267	108,1	115	100,0		
Variação(%)																		
1º tri. 2016/4º tri. 2015		-3,9		-4,8		-1,7		0,4		-16,2		-22,4		-2,2		-5,0		
Varição (%)																		
1º tri. 2016/1º tri. 2015		-4,5		-6,1		-4,0		-3,4		-8,8		-18,3		-4,0		0,9		

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

(1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração, profissionais liberais e outras posições ocupacionais.

(2) Excluem os empregados domésticos e incluem aqueles que não sabem a que setor pertence a empresa em que trabalham.

(3) Incluem os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.).

(4) Em 1000 pessoas.

(5) Base: média de 2000 = 100.

Tabela 5A

Índices Trimestrais do Emprego, do Rendimento Médio Real e da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados e dos Assalariados (1) – Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016

Base: média de 2000 = 100

Trimestres	Ocupados (2)			Assalariados (3)		
	Emprego	Rendimento médio real	Massa de rendimentos reais	Emprego	Salário médio real	Massa salarial real
1º tri. 2010	125,5	109,8	137,7	140,5	108,2	152,0
2º tri. 2010	130,7	111,0	145,0	146,9	108,2	158,9
3º tri. 2010	131,8	111,6	147,0	147,9	109,1	161,4
4º tri. 2010	136,9	110,7	151,5	153,6	108,8	167,1
1º tri. 2011	129,4	102,4	132,5	144,1	101,1	145,8
2º tri. 2011	129,4	104,1	134,7	148,2	103,6	153,7
3º tri. 2011	132,3	95,3	126,1	146,1	94,4	138,0
4º tri. 2011	134,6	96,7	130,2	149,0	96,8	144,3
1º tri. 2012	134,6	97,7	131,5	150,8	97,4	146,9
2º tri. 2012	136,3	96,2	131,1	154,3	95,0	146,6
3º tri. 2012	138,9	97,4	135,3	154,6	96,3	148,9
4º tri. 2012	141,5	98,9	140,0	161,9	97,7	158,2
1º tri. 2013	136,9	96,9	132,6	155,7	95,8	149,2
2º tri. 2013	134,1	100,7	135,1	151,6	100,2	152,0
3º tri. 2013	141,6	100,0	141,6	159,2	98,7	157,2
4º tri. 2013	140,9	105,1	148,1	161,5	101,4	163,8
1º tri. 2014	140,9	101,7	143,4	161,8	99,0	160,1
2º tri. 2014	140,0	102,7	143,7	162,1	100,8	163,4
3º tri. 2014	139,4	102,6	143,0	158,3	100,0	158,3
4º tri. 2014	142,3	104,9	149,2	163,5	101,8	166,4
1º tri. 2015	138,9	102,5	142,3	162,4	98,0	159,2
2º tri. 2015	136,4	99,2	135,2	156,3	95,4	149,1
3º tri. 2015	133,9	95,6	128,0	151,9	93,7	142,3
4º tri. 2015	137,9	96,4	132,9	160,1	92,6	148,3
Janeiro	137,4	96,4	132,5	160,9	93,5	150,4
Fevereiro	135,5	92,6	125,5	157,1	89,2	140,2
Variação (%)						
Fev-2016 / 4º trimestre	-1,8	-3,9	-5,6	-1,9	-3,6	-5,5
Variação Mensal (%)						
Jan-2016 / 4º trimestre	-0,4	0,0	-0,3	0,5	1,0	1,4
Variação Mensal (%)						
Fev-2016 / Jan-2016	-1,4	-3,9	-5,2	-2,4	-4,6	-6,8
Variação no Ano (%)						
Fev-2016 / 1º trimestre 2015	-2,4	-9,6	-11,8	-3,3	-9,0	-12,0
Variação Anual (%)						
Jan-2016 / 1º trimestre 2015	-1,0	-5,9	-6,9	-0,9	-4,6	-5,5

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTPS/FAT.

(1) Inflator utilizado: IPC - SEI.

(2) Incluem os ocupados que não tiveram remuneração no mês e excluem os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Incluem os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

NOTAS METODOLÓGICAS

Pesquisa de confiança do empresariado baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: **Grande**

Escala do ICEB



Pessimismo, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Projeções do mercado de trabalho formal

As projeções do mercado de trabalho formal utilizam-se da metodologia de séries temporais. Uma série temporal é um conjunto de observações ordenadas em um período de tempo ou espaço. Essas observações apresentam dependência, passível de investigação e modelagem a partir da análise de séries temporais. O estudo de série temporal requer técnicas específicas, as quais levam em consideração a presença de tendência e variação sazonal.

Análise de séries temporais aplicadas a dados de mercado de trabalho é de grande interesse, pois é possível observar o que está acontecendo na economia e quais as perspectivas para o cenário econômico futuro. Para esse estudo são utilizados dados mensais do número de admitidos e desligados por setor de atividade econômica. A base de dados utilizada é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Para fazer as previsões mensais do Caged são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (Sarima) e sua extensão (Sarimax). Com o modelo Sarimax utilizado foi possível incluir variáveis explicativas.

